

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

Evidentemente, *Palaestra Latina* não ignora que a sua função é a de servir de instrumento ou de ponte de passagem para um estágio linguístico ulterior, onde a expressão literária e a apreensão estética tenham maiores possibilidades de existência. Mas também não esquece que para se alcançar o óptimo é necessário começar pelo bom, e que por isso mesmo também cabe aos seus leitores compreendê-la dentro dos objetivos que ela se propôs.

Pudéssemos nós ver em Portugal, pelo menos, a auxiliar a tarefa de professores e de estudantes, aquele mesmo sentido das realidades escolares que *Palaestra Latina* tão claramente revela!...

F. COSTA MARQUES

Mémorial des études latines — publié à l'occasion du vingtième anniversaire de la Société et de la Revue des études latines, offert par la Société à son fondateur J. Marouzeau, professeur à la Faculté des Lettres de Paris, Directeur d'études à l'École des Hautes Études. Paris-, Les Belles-Lettres, 1943; 688 pp., in-8.º.

Em 22 de Março de 1923, constituia-se em Paris a Sociedade de Estudos Latinos, formada por um grupo de filólogos da Sorbona, com a intenção manifesta de congregar todas as pessoas que se interessassem pelos estudos latinos: franceses ou estrangeiros, sábios, humanistas, professores ou simples estudantes. Com um âmbito tão vasto e uma alma tão entusiasta como a do seu fundador, J. Marouzeau, à Sociedade estava reservado um glorioso futuro. E assim é que, vinte anos depois, ao abarcar do alto o caminho percorrido, somos obrigados a reconhecer que as suas esperanças foram amplamente satisfeitas, o seu programa admiravelmente cumprido: mais de oitocentos membros societários e assinantes, espalhados por todo o mundo; sessões mensais da Sociedade, destinadas a comunicações e à discussão dos mais variados assuntos das diversas disciplinas; uma «Colecção» que contava em 1943 nada menos de 24 volumes de inegável valor científico; uma revista, enfim, a clássica *Revue des études latines*, ponto de reunião dos mais eminentes especialistas da França e do estrangeiro, fulcro de consagração dos novos estudiosos e crivo imparcial de tudo quanto se publicou no domínio do latim desde o ano de 1923, em que Marouzeau tomou a sua feliz iniciativa.

Para comemorar este aniversário, pensara Marouzeau na publicação de um volume especial, que fosse ao mesmo tempo «um balanço dos resultados obtidos e um programa de futuro». Desejosos de testemunhar a sua admirativa gratidão ao fundador da Sociedade e director da Revista, encarregaram-se os societários da publicação desse *Mémorial*, que foi ofe-

recido, em homenagem, ao Mestre, no decurso de uma cerimónia íntima, realizada na Sorbona em 19 de Dezembro de 1943.

É deste impressionante tomo, o xxi da *Revue*, que me proponho fazer breve apreciação para os leitores de *Humanitas*.

As 688 páginas de que se compõe o *Mémorial* incluem 37 artigos, assinados pelos mais categorizados nomes das universidades francesas, referentes todos ao domínio do latim, e que elucidam o leitor sobre o estado actual dos problemas em disciplinas como a filologia, a história literária, a história das instituições, a história das religiões, o direito romano, a paleografia, a crítica dos textos, a epigrafia, a arqueologia romana e galo-romana, a pedagogia e a bibliografia. Repartido por categorias mais gerais, o volume abrange 11 relatórios sobre linguística e filologia, 7 sobre história literária, 16 sobre ciências históricas auxiliares e 3 sobre ensino e documentação; aos quais importa acrescentar um índice, muito útil, das sugestões de trabalhos e investigações propostas nas crónicas da *Revue des études latines*, e que constitui uma espécie de recapitulação dos 20 tomos já publicados.

Esta enumeração, eloquente na sua simplicidade, s'ê - 1 0 - á ainda mais quando houvermos tomado conhecimento, pela exposição que se segue, dos nomes consagrados que assinam esses relatórios. E o prestígio de que Marouzeau desfruta no mundo dos latinistas ainda mais ressaltará, se nos lembrarmos de que este belo volume representa apenas a homenagem dos latinistas franceses: não permitindo realmente as circunstâncias críticas de 1943 que os sábios estrangeiros se associassem a esta homenagem, o *Mémorial* inclui apenas o contributo francês (com duas excepções: A Burger, de Neuchâtel, e N. I. Herescu, de Bucareste). Mas, partindo muito justamente do princípio de que «uma homenagem a J. Marouzeau não reveste todo o seu significado, se não é internacional», uma comissão, composta por J. Ernst, G. J. Fordyce, N. I. Herescu, J. Hubaux, R. G. Kent, E. Löfstedt e A. Rostagni, tomou a iniciativa de apresentar ao Mestre um volume de *Mélanges* que reúna também as contribuições dos sábios estrangeiros.

Enquanto não saem os *Mélanges*, voltemos ao *Mémorial*, para analisar o seu conteúdo. Tarefa nada fácil, pois este sintético balanço dos últimos vinte anos nos diferentes domínios da latinidade constitui uma densa colectânea de ideias e sugestões, um livro substancial para ser longamente meditado e estudado de lápis na mão.

Michel Lejeune, catedrático da Faculdade de Letras de Bordéus, abre o volume e a secção «Linguística e filologia» com um relatório sobre «A posição do latim no domínio indo-europeu» (pp. 73-74). Insurgindo-se contra a tese de Walde-Devoto, que contesta não só a unidade italo-céltica como até a itálica, propõe Lejeune um método linguístico de investigação cronológica, e, baseado em certas correspondências entre o itálico e o céltico por um lado, o hitita, o tocário e o indo-irânico por outro, conclui que os falares itálicos e célticos continuam uma forma arcaica da língua comum. A discussão das diferentes teorias é orientada com vigor, conforme o testemunha esta corrosiva apreciação da obra linguística de

A. Juret: «L'artide de A. J. [...] n'appelle pas même la discussion, non plus que l'ensemble de ses travaux étymologiques des dernières années» (p. 26, n. 2).

Com o título de «Lingua latina e dialectos itálicos» (pp. 32-46), A. Ernout, professor da Sorbona e membro do Instituto de França, dá-nos, em breve exposição, as suas abalizadas opiniões sobre o que está feito e o que ainda resta por fazer no estudo dos dialectos pré-itálicos e itálicos: pessimismo quanto à pré-história da Itália e à lingua etrusca, sobre as quais ainda reinam a ignorância e a incerteza, a despeito dos numerosos trabalhos publicados ultimamente; optimismo quanto ao latim, cuja fonética e morfologia estão mais ou menos esclarecidas, restando agora estudar sobretudo o vocabulário. «Malgré les apparences, tout n'a pas été dit; [...] une langue comme le latin [...] est une matière à peu près inépuisable» — conclui douta e filosoficamente o sabio latinista.

J. Cousin, catedrático da Faculdade de Letras de Besançon, colabora no *Mémorial* com um estudo sobre «As linguagens especializadas» (pp. 375-47): linguagem das profissões, das actividades intellectuais, do comércio, da ciência, da literatura, as gírias, a germania dos círculos, das castas, das escolas, das religiões e de toda a actividade humana em geral — consideradas nos seus aspectos fonético, morfológico, sintáctico e estilístico. Contribuição rica de sugestões, que se aparenta, pelo lado lexicográfico, com a que imediatamente se lhe segue.

Trata-se «Dos vocabulários técnicos em latim» (pp. 55-79) e vem assinada por E. de Saint-Denis, catedrático da Faculdade de Letras de Dijon. Documentando a sua exposição com exemplos tirados dos autores latinos e utilizando com proficiência a bibliografia que lhes respeita, dá-nos também uma série de sugestões quanto ao estudo — ainda por fazer — das linguagens técnicas latinas, e passa em revista os vocabulários agrícola, militar, náutico, meteorológico, astronómico, filosófico, artístico, crítico-literário, médico, etc.; depois do que examina alguns problemas de método, que se referem: 1) a dados de etimologia; 2) à evolução dos termos técnicos; 3) às definições dos antigos; e 4) à procura de uma indicação decisiva nos casos controversos. Em face desta amostra de tanta valia, temos o direito de esperar de Saint-Denis o estudo dos vocabulários técnicos latinos, que tão brilhantemente encetou já na sua interessante monografia sobre *O Vocabulário das Manobras Náuticas em Latim* (Mâcon, 1935).

André Cordier, saudoso catedrático da Faculdade de Letras de Lille, dá-nos em «A língua poética de Roma» (pp. 80-92) uma contribuição de valor quanto à técnica da língua poética, cujo estudo se impõe nos seus dois aspectos: descritivo e histórico (1).

(1) Uma correcção de pormenor, em p. 83, n. 1: o último índice em data não é o de Silius (1939), mas o dos *Aratea* de Cícero (1941), cuja edição era, aliás, conhecida de Cordier (cf. p. 90, n. 1). -

Os trabalhos dos últimos vinte anos sobre, a sintaxe latina podem considerar-se básicos na história desta disciplina, que deles saiu revigorada e mais esclarecida: eis o que demonstra F. Thomas, director de conferências na Faculdade de Letras de Lião, em «Estado e tendência da sintaxe latina» (pp. 93-103). Aluno distinto de Ernout e Marouzeau, o professor Thomas, a quem devemos uma recente e erudita tese sobre o conjuntivo latino, preconiza, para as futuras investigações, uma *colaboração* ideal entre os representantes dos métodos comparativo e clássico, ou seja, por outras palavras, da linguística com a filologia, de um Wackernagel com um Löfstedt. por exemplo.

Sobre a estilística, última aquisição dos estudos latinos, quem melhor poderia dissertar sobre ela do que o próprio Marouzeau, que a conquistou e sistematizou nos seus recentes *Tratado de Estilística Aplicada ao Latim* e *Compêndio de Estilística Francesa?* Os «Extractos de artigos do Sr. Marouzeau sobre a estilística» (pp. 104-116) sintetizam a doutrina do insigne Mestre, a cuja cristalização sinto orgulho em ter assistido, nos bancos da Escola de Altos Estudos de Paris. Insurgindo-se contra a confusão frequente que se estabelece entre língua e estilo, sublinha Marouzeau a noção de «escolha», que constitui a base de todo o estilo, — e é neste domínio quase ilimitado da escolha, quer dizer, de estilo, que se desenvolvem as delicadas argumentações de Marouzeau, todas ciência e subtileza. Gomo iniciação ao estudo do estilo, o autor propõe, entre outros recursos, uma série de investigações sobre a adaptação da linguagem ao pensamento : programa meramente indicativo, adversário das consabidas monografias estilísticas por autores (*A Língua e o Estilo de...*) e partidário das monografias por processos e tendências, «se é que finalmente se pretende introduzir a estilística, disciplina nova, nos domínios da linguística geral, donde foi injustamente excluída durante tanto tempo...».

Seguem-se dois relatórios consagrados a uma disciplina um pouco descurada actualmente, além de carregada ainda de obscuridades: a métrica. O primeiro artigo («Tendências e lacunas dos estudos da métrica latina», pp. 117-122) é de J. Descroix, catedrático da Faculdade de Letras de Poitiers; o segundo, mais circunstanciado («A métrica de Plauto e de Terêncio», págs. 123-148), de L. Nougaret, brilhante discípulo de Louis Havet.

O problema das relações entre o grego e o latim, bastante desprezado também durante os últimos vinte anos, é examinado sob dois dos seus aspectos — traduções e importações de vocabulário — pelo hábil especialista que se revelou A. Dain, director de estudos na Escola de Altos Estudos de Paris («As relações greco-latinas», pp. 149-161). Artigo substancial e sugestivo, sobretudo no que se refere ao problema tão interessante e tão descurado das traduções (1).

(1) Referindo-se áá traduções que Cícero fez do grego, Dain afirma (p. 153): «Le poème d'Aratos ne nous est guère connu que par la

Com o título de «Para uma teoria do românico comum» (pp. 162-169), A. Burger, catedrático da Faculdade de Letras de Neuchâtel, milita a favor de uma teoria precisa do «românico comum» (expressão pela qual entende substituir a ambígua de «latim vulgar»); depois de um estudo comparativo das línguas românicas, o autor chega a conclusões bastante nítidas quanto à flexão nominal.

Este trabalho encerra o primeiro ciclo de estudos — «Linguística e filologia» — e anuncia o seguinte, consagrado à «História literária». Começa esta secção por um relatório, dos mais interessantes do *Mémorial*, dedicado aos «Problemas de história literária — Época republicana» (pp. 171-196) e devido a P. Boyancé, catedrático da Faculdade de Letras de Bordéus. O autor vê, entre o mundo grego e o latino, uma continuidade viva, dominada por um grande problema de cultura: a transmissão do que se tornou em seguida um humanismo de valor universal. Bem documentado, claramente exposto, norteado por vistas críticas originais, o relatório de Boyancé é o de um autêntico mestre, e lamento sinceramente que a brevidade destas notas me impeça de insistir no seu exame.

Os historiadores Salústio e César desfrutam, cada qual, de uma monografia especial. O primeiro é estudado por P. Perrochat, catedrático da Faculdade de Letras de Grenoble («Programa de estudos salustianos», pp. 197-214), e o segundo por P. Fabre, da Faculdade de Letras de Estrasburgo. Se bem que de interesse mais restrito* estes dois relatórios nem por isso são menos originais, visto Perrochat preparar um estudo mais vasto sobre Salústio e Fabre tencionar completar o *Corpus* cesariano, de que nos deu, na Colecção Budé, o óptimo *Bellum ciuile*.

version qu'il [Cicéron] en fit, conservée par un hasard extraordinaire». Ora esta afirmação encerra, pelo menos, duas inexactidões:

a) O original grego do poema de Arato ter-se-ia perdido, de tal sorte que o conheceríamos apenas através da versão fragmentária de Cícero. A realidade é que o texto grego nos foi *integralmente* transmitido: a sua última edição crítica foi publicada em 1921 por G. R. Mair, Loeb Collection, Londres.

b) Cícero seria o único tradutor dos *Fenómenos* de Arato. Afinal existem ainda duas traduções em verso, de Germânico César e de Avieno, já sem falar das versões perdidas de Varrão de Átax e de Ovídio, nem das duvidosas, de Júlio César ou do pai de Estácio. Cf V. Buescu, *Les «Aratea» de Cicéron*, Paris-Bucareste, 1941 (Introd., p. 20).

Demais a mais, Dain parece inculcar que a versão ciceroniana nos foi transmitida por inteiro, quando, afinal, dela nos restam apenas 579 versos, dos quais somente 480 de tradição directa (o original grego conta 1154 hexâmetros, e consta-nos que Cícero traduziu quase verso por verso!).—Também não se compreende o que pretende A. Dain significar com a sua observação «conservée par un hasard extraordinaire»: o acaso que conservou os *Aratea* de Cícero é tão extraordinário ou tão pouco como o que conservou qualquer outra obra antiga, v. g., a de Lucrécio Na pena do autor, tratar-se-á de uma expressão puramente expletiva? Ou far-se-á, pelo contrário, alusão a qualquer pormenor que desconhecemos? Se assim é, seria para desejar que Dain nos esclarecesse.

H. Bardou, catedrático da Faculdade de Letras de Poitiers, estuda «Dois problemas da literatura imperial» (pp. 232-240), a saber: 1) Os poetas épicos depois de Virgílio e Lucano; 2) As causas do declínio da literatura imperial. Trata-se de um artigo mais interessante nas conclusões do que na redacção, onde se encontram ideias demasiado gerais e votos demasiado ingénuos, citações antiquadas (p. 237: um estudo de 1877!), afirmações ousadas (p. 232: «poètes que l'on critique parce qu'on ne les lit pas») ou francamente injustas (p. 236: «Le culte étroit d'un Horace et, plus encore, d'un Virgile a été, pour les lettres latines, une catastrophe;... ce déplorable enseignement... », etc.). Ideias acanhadas de um especialista da literatura imperial, que decerto não serão aplaudidas por espíritos mais largos.

Bem mais reservado e melhor informado é o relatório de P. Courcelle, catedrático da Faculdade de Letras de Bordéus, sobre «Vinte anos de história da literatura cristã» (pp. 241-255), que vai até ao fim do séc. vi, considerado como o termo da antiguidade. Este digno sucessor de P. de Labriolle mostra-nos, num artigo em que abundam as perguntas, as dúvidas e as sugestões, que a literatura latino-cristã carece de instrumentos, ao ponto de apresentar problemas completamente obscuros, que nos impedem de constituir uma obra de síntese.

Avançando no tempo, Bossuat, catedrático da «École des Chartes» de Paris, dá-nos um sucinto «Resumo dos estudos relativos ao latim medieval» (pp. 256-270), estudos que estão quase todos por fazer nesse domínio pouco explorado: as obras literárias começam apenas a ser inventariadas, os instrumentos de trabalho escasseiam, as edições críticas faltam, etc. Matéria rica e variada, que aguarda ainda os seus beneditinos. «Mas como atraí-los para um terreno mal desentulhado, onde os primeiros passos são muitas vezes penosos e o esforço sempre mal recompensado?» — pergunta a si próprio o autor, ao propor a criação de um organismo internacional de colaboração entre os medievistas.

Continuando a estudar a evolução do latim no decorrer dos tempos, R. Lebègue, catedrático da Sorbona, faz uma exposição sobre «O humanismo latino da Renascença» (pp. 271-284). É um artigo consagrado ao humanismo francês, no período compreendido entre o início do séc. xvi e 1637, data da morte de Peiresc. Domínio ainda mais inexplorado que o precedente, oferece múltiplas perspectivas sobre a vida dos humanistas, sua correspondência, suas obras, recíprocas influências, edições, traduções e sobrevivência dos clássicos nas suas obras, etc. Matéria muito variada e importante, na verdade, que merece a devotada atenção dos estudiosos em todos os países de cultura.

A terceira secção — «Ciências históricas e auxiliares» — principia por um artigo de A. Piganiol, catedrático do Colégio de França, sobre «As instituições romanas» (pp. 283-303), em que expõe, com bastante informação, o estado actual dos problemas, desde as origens até ao período do Baixo Império; e fá-lo com uma mestria que lembra Carcopino. — Recapitulando factos e sugerindo trabalhos, J. R. Palanque, catedrático da Faculdade de

Aix-Marseille, trata «Do Baixo Império em geral e da época constantiniana em particular» (pp. 304-315).

Erudição e nervo, coragem e firmeza, — eis o que revela o relatório muito pessoal de G. Dumézil, director de estudos na Escola de Altos Estudos, sobre «Os primórdios da religião romana» (pp. 316-329). Critica as teses de Altheim e de Piganiol quanto à religião romana primitiva e preconiza um estudo dos elementos indo-europeus em Roma (instituições, rituais, lendas), para que se possa chegar enfim, graças ao emprego desses processos linguísticos, à reconstituição da religião indo-europeia comum, sob um aspecto que não seja nem esquemático, nem artificial. Os seus trabalhos dos últimos anos, que fizeram de Dumézil um indo-europeísta dos mais categorizados, tendem realmente para esse duplo fim.

O extenso relatório de J. Bayet, catedrático da Sorbona, sobre «A religião romana, desde a introdução do helenismo até ao fim do paganismo» (pp. 330-373), é um modelo de documentação e de método: a bibliografia recente encontra-se seriada neste estudo por períodos e por ideias, e submetida à crítica, sempre pertinente, de um profundo e arguto saber, bem conhecido daqueles que, como o autor destas linhas, tiveram a vantagem de ser seus alunos. — Seguindo o mesmo espírito, J. Zeiller continua o estudo crítico dos trabalhos mais recentes no seu artigo «Vinte anos de investigações sobre a história antiga da Igreja» (pp. 374-386), que recomendamos aos especialistas.

Entrando nos domínios da filologia jurídica, Pierre Noailles, antigo catedrático da Faculdade de Direito de Paris, dá-nos uma suculenta exposição do problema tão debatido ultimamente, «A crise do direito romano» (pp. 387-415), que não há muito fora ventilado também em Portugal pelo Prof. Cabral de Moneada (1). Este artigo pode considerar-se como o testamento científico de P. Noailles, que a morte arrebatou após a conclusão destas páginas. — Ainda no domínio jurídico, G. Le Bras, catedrático da Faculdade de Direito de Paris, assina uma crónica intitulada «Estudos latinos e direito canónico» (pp. 416-435).

Ch. Samaran, director de estudos na Escola de Altos Estudos de Paris, escreveu, por seu turno, cinco páginas (436-441) sobre «Paleografia latina». Embora esta disciplina seja o «domínio dos infinitamente pequenos», as poucas páginas — de generalidades — que lhe consagrou o primeiro paleógrafo da França são francamente insuficientes, e o autor sente necessidade de se desculpar, invocando as circunstâncias internacionais.

Extremamente interessante — dos mais interessantes até de todo o *Memorial* — é o artigo seguinte, que se refere a um domínio contíguo ao da paleografia: «A investigação dos manuscritos latinos» (pp. 442-457), assinado por duas ilustres senhoras do Instituto de Investigação e de História dos Textos, J. Viellard e M. Th. Bourel. Na convicção de

(1) *A actual crise do romanismo na Europa»: *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*, 1940, p. 531 e segs.

que as bibliotecas da Europa escondem verdadeiros tesouros em matéria de manuscritos latinos, o saudoso F. Grat obteve em 1937 o apoio do Estado para fundar aquele Instituto, destinado à exploração completa e metódica de todas as bibliotecas europeias e à organização de cópias fotográficas — microfilmes — dos manuscritos mais valiosos. Nos dois anos que precederam a guerra, uma delegação do Instituto percorreu a Europa, e os resultados são admiravelmente concretos: França, Espanha, Inglaterra, Holanda, Itália, Áustria, países balcânicos, revelaram as riquezas dos seus arquivos aos intrépidos investigadores, que tiraram cópias-microfilmes *in extenso* da maior parte dos manuscritos clássicos latinos anteriores a 1200, preservando assim da completa inutilização pergaminhos que foram depois destruídos no decurso da última guerra. Outro trabalho, não menos precioso, consistiu em tirar do esquecimento códices de alto valor, desconhecidos até hoje pela inexistência de catálogos das respectivas bibliotecas ; o Instituto estabeleceu verbeteiros com todos os títulos possíveis das obras antigas, uma tábua completa dos *incipit* e *explicit*, um verbeteiro dos fragmentos (que facilitará a identificação das citações dos florilégios), um repertório da literatura medieval, um repertório dos *incipit* das obras medievais, uma bibliografia da literatura inédita dos humanistas, etc. Juntem-se a isto as descobertas de manuscritos raros em obscuras bibliotecas, como a do único manuscrito conhecido de Sulpícia, no Museu Correr de Veneza; de um Salústio do séc. ix na Roménia; de um Juvenal do séc. x na Jugoslávia; etc. O aproveitamento destas descobertas tornará antiquada a maior parte das edições críticas actuais, e qualquer editor consciencioso deverá forçosamente começar por consultar o Instituto, que, na nossa época de trabalho por turmas, está destinado a revolucionar a história dos textos e a prestar serviços imensos aos eruditos de todos os países. — Portugal só terá a ganhar depois de uma tal campanha de investigação nas suas bibliotecas, atendendo ainda a que o Instituto possui também uma secção árabe.

A crítica de textos está representada pelo jovem investigador J. Andrieu, diplomado pela Escola de Altos Estudos, o qual assina uma série de «Princípios e investigações de crítica textual» (pp. 458-474), em que faz a história desta disciplina eminentemente delicada, trabalho minucioso e enorme que está na base de toda a edição crítica. As edições *uariorum* deram lugar, no séc. xix, ao princípio dos *stemmata*, introduzido pela escola dos Bekker-Orelli-Lachmann-Ritschl, princípio que Havet havia de sistematizar no seu famoso *Manuel*, convertido em alicerce desta disciplina auxiliar. Andrieu resume a doutrina de Havet, baseada no «erro comum», e faz a crítica dos inovadores Bédier*Don Quentin, para lembrar a contribuição de Clark, que completou Havet, invocando o princípio das lacunas. Bom trabalho expositivo, apoiado em exemplos concretos, e todavia inacabado: a crítica dos textos não é somente o labor preliminar que consiste na descoberta e classificação dos manuscritos de um autor a editar, mas também — e sobretudo — o trabalho bem mais delicado e mais pessoal que consiste na «crítica» propriamente dita, crítica das variantes e correção do texto, a *emendatio*.

Longe das bibliotecas, conforme esclarece em nota, o epigrafista emérito que é M. Durry, catedrático da Faculdade de Letras de Paris, contribui unicamente com seis magras páginas intituladas «Latim e epigrafia» (pp. 475-480), que contém alguns votos e sugestões redigidas no estilo desenvolto que o caracteriza. — O amator de bibliografias desta disciplina está, pelo contrário, amplamente servido ao longo da contribuição de A. Merlin, membro do Instituto de França, intitulada «Vinte anos de estudos sobre epigrafia latina» (pp. 481-499), modelo de relatório crítico e bem informado. — Não menos documentado, e ainda mais extenso, é o relatório «Vinte anos de estudos sobre as artes da Itália antiga» (pp. 500-605), escrito por Ch. Picard, membro do Instituto e catedrático da Sorbona. Trata-se de um metódico e impressionante inquérito retrospectivo às investigações efectuadas em diversos países, exposição e guia de primeira ordem no que respeita à tradição estética dos Romanos nas diferentes manifestações da arte. — Este inquérito é continuado (com um pequeno interlúdio sobre «O serviço das antiguidades nacionais», de P. Willeumier, pp. 606-608) pelo relatório referente a «Os estudos galo-romanos» (pp. 609-627), de A. Grenier, membro do Instituto e catedrático do Colégio de França. Desnecessário encarecer o valor desta contribuição, porquanto é sabido que o seu autor mantém, desde há anos, a crónica galo-romana da *Revue des études latines* com uma proficiência e regularidade invulgares. — Restringindo ainda mais o quadro, J. Toutain, director de estudos na Escola de Altos Estudos, assina uma monografia respeitante à cidade favorita dos arqueólogos franceses: «Quarenta anos de escavações em Alésia» (pp. 628-640). Ninguém mais indicado para este relatório do que Toutain, que há trinta anos estuda o problema e realiza escavações nesta região, tornada célebre pelo final do drama que ali se desenrolou entre César e Vercingetorix.

A quarta e última secção do *Mémorial*— «Ensino e documentação» — abre com um interessantíssimo artigo de A. Guillemin sobre «A pedagogia do latim» (pp. 641-660), no qual a autora se esforça por analisar os motivos determinantes da crise do latim que se notam por toda a parte, há perto de meio século. É necessário pôr de lado o anacrónico método pedagógico chamado «humanista», assim como o do «latim pela alegria» (pregado por Reinach e Pagot), ou o do «latim vivo», baseado em conversações latinas sem base nos textos. Eliminando o discurso e o verbo latino, restam cinco disciplinas auxiliares que devem concorrer para o ensino racional e frutuoso da língua latina: gramática, leitura com livro aberto, lição de texto, versão e retroversão. Para discussão destes pontos, aconselhamos o leitor a reportar-se ao artigo tão criterioso e variado de A. Guillemin.

Partindo do princípio que as grandes obras da literatura latina não despertam, junto dos nossos contemporâneos, o interesse que mereciam, J. Perret, encarregado de curso na Faculdade de Letras de Lille, pleiteia contra a «crítica erudita» feita por especialistas, em favor de uma «crítica criadora, estética», que permita ressuscitar os autores antigos. Insurgindo-se contra o «isolamento funesto» dos estudos de literatura latina,

Perret preconiza a infusão de um espírito novo nos velhos métodos: quer «simpatizar» com o autor antigo, «repensá-lo», — ao contrário daqueles que, segundo o autor, não sabem senão observar e registar. Crítica de simpatia e de intuição, baseada no desdém metódico por tudo o que se tem feito, a tese de Perret, tão generosa como destrutiva, esbarra, porém, com uma grande dificuldade: a realização. Eis porque aguardo com interesse o trabalho construtivo de Perret, para melhor julgar das suas objecções e do seu ideal.

O último artigo do volume é devido ao Prof. N. I. Herescu, que comunica as conclusões a que chegou no seu recente e já clássico trabalho bibliográfico (1). «Percorrendo a bibliografia da literatura latina» (pp. 672-680), Herescu dá-nos um resumo crítico daquela matéria, indicando também o que importa ainda fazer ou refazer: edições com índices e léxicos críticos, comentários enciclopédicos, trabalhos gerais, monografias, obras de vulgarização ou de síntese, etc. A sugestão final, de recapitular e sistematizar as sugestões de trabalhos publicados desde há vinte anos pela *Revue des études latines*, encontra-se satisfeita no índice que se lhe segue (pp. 681-686) e que encerra este substancial e imponente *Mémorial*.

Mémorial que abunda em factos referentes a todos os domínios da antiguidade clássica latina e que constitui um verdadeiro balanço dos progressos realizados nos últimos vinte anos e um eloquente testemunho de presença do brilhante escol francês que colaborou neste balanço, para honrar o Mestre, cujo nome aparece em quase todas as páginas, como um génio tutelar. «...Testemunho [...] da fé da França nos seus destinos, da vontade de trabalho da Sociedade de Estudos Latinos, tão confiante no futuro como orgulhosa do passado» (p. 6), — este *Mémorial*, homenagem da França a um filho ilustre, anuncia o seu complemento natural — os *Mélanges*, homenagem dos eruditos estrangeiros: pois, se Marouzeau honra, em particular, o nome de francês, pertence todavia, como sábio, ao mundo inteiro.

No final destas anotações, ao mesmo tempo demasiado longas e demasiado breves, pela sua natureza mais expositiva do que crítica, seja-me permitido aproximar, como um símbolo, esta recapitulação da gloriosa *Revue des études latines* e a aparição da jovem *Humanitas*, à qual desejo cordialmente um destino paralelo, para renovação dos estudos clássicos em Portugal.

VICTOR BUESCU

(1) *Bibliographie de la littérature latine*, Paris. Les Belles-Lettres, 1943. — V. a minha apreciação na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 1944, págs. 332-333.